

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NOS QUADRINHOS ENTREVISTA COM O VAMPIRO - A HISTÓRIA DE CLÁUDIA

THE CONSTITUTION OF SUBJECT IN COMICS INTERVIEW WITH THE VAMPIRE - CLAUDIA'S STORY

Thais Vilela de Souza¹ (UEG)

Fernanda Surubi Fernandes² (UEG)

RESUMO: Os vampiros aparecem em várias culturas, narrativas literárias, filmes e histórias em quadrinhos. Despertam atração e repulsa (Carrol, 1999). Pensando nesse universo diverso, este artigo tem o objetivo de compreender como a personagem Cláudia é constituída nos quadrinhos **Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia** (Rice, Witter, 2014), a partir das noções de corpo e discurso da Análise de Discurso (Orlandi, 2007), constituindo diferentes posições-sujeitos. Para isso, este estudo se divide em quatro partes, na primeira apresentamos os conceitos de discurso, corpo e sujeito pelo viés dos estudos da Análise de Discurso, depois expomos sobre quadrinhos e horror, para então apresentar a obra analisada e a sua análise. Desse modo, a sujeito-personagem Cláudia é fundamental para compreender corpo e discurso na obra, pois seu corpo é um dispositivo de significação, projetando sentidos e estabelecendo diferentes posições-sujeitos: criança, vampira, mulher, assassina etc., e também é território onde são inscritas suas experiências e vivências, sendo ao mesmo tempo moldado e moldador de sua subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso. Corpo. Sujeito.

ABSTRACT: *Vampires appear in various cultures, literary narratives and comic books. They arouse attraction and repulsion (Carrol, 1999). Thinking about this diverse universe, this article aims to understand how the character Cláudia is constituted in the comics **Interview with the Vampire – the story of Cláudia** (Rice, Witter, 2014), based on the notions of body and discourse from Discourse Analysis (Orlandi, 2007), constituting different subject positions. To this end, this study is divided into four parts, in the first we present the concepts of discourse, body and subject through the bias of Discourse Analysis studies, then we explain about comics and horror, to then present the analyzed comic and its analysis. In this way, the subject-character Cláudia is fundamental to understanding body and discourse in the work, as her body is a device of signification, projecting meanings and establishing different subject-positions: child, vampire, woman, murderer, etc., and is also territory where their experiences and experiences are inscribed, being at the same time molded and shaping their subjectivity.*

KEYWORDS: *Discourse analysis. Body. Subject.*

¹ Acadêmica do curso de Letras – Português/Inglês da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade Universitária de Iporá. E-mail: lisegreenstar108@gmail.com

² Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade Universitária de Iporá. Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: fernanda.fernandes@ueg.br

Introdução

Os vampiros são criaturas lendárias que são encontrados em várias culturas ao redor do mundo como os antigos sumérios e egípcios, conhecidos pelo seu desejo de sangue humano. Na literatura tem-se representações desde o mais conhecido **Drácula** (Stoker, 2018), publicado pela primeira vez em 1897, a produções mais modernas como em **Entrevista com o vampiro** (Rice, 1992), de 1976. Nessas obras, suas fraquezas incluem: a luz do sol, que pode levar a sua destruição; o alho e a estaca no coração; não podem beber sangue da pessoa depois que o coração para de bater, pois é como veneno para eles; o símbolo religioso da cruz afasta-os ou até mesmo aniquila-os. Nas mais atuais, mudam alguns aspectos, como em **Crepúsculo** (Meyer, 2008), em que a luz do sol os faz brilhar, por exemplo.

Diante dessa diversidade de narrativas sobre vampiros, selecionamos uma produção quadrinística para refletir sobre o modo de constituição do sujeito-vampiro. Assim, este artigo tem o objetivo de compreender como a personagem Cláudia é constituída nos quadrinhos **Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia** (Rice, Witter, 2014), a partir das noções de corpo e discurso da Análise de Discurso (Orlandi, 2007). Para isso, este estudo se divide em três partes, na primeira apresentamos os conceitos de discurso, corpo e sujeito pelo viés dos estudos da Análise de Discurso, depois expomos sobre quadrinhos e horror, para então apresentar a obra e sua análise. Dessa forma, para fazer esse percurso, precisamos entender as criaturas que tanto aparecem nessa história.

Uma recorrência nessas narrativas é a de que os vampiros possuem diversos poderes ancestrais que os tornam seres sobrenaturais. Um dos principais poderes é a imortalidade, permitindo que vivam por séculos sem envelhecer ou morrer. Sua aparência varia, mas geralmente são retratados com presas afiadas e uma aparência pálida e cadavérica. Dependendo da região o vampiro pode ter uma aparência belíssima, sensual e encantadora, ou simplesmente pode ser uma criatura horrível decadente, exalando podridão, com asas enormes. Outro poder comumente associado aos vampiros é a capacidade de voar, pois nessas narrativas, eles têm a habilidade de se transformarem em morcegos e percorrerem grandes distâncias pelos céus.

Além disso, os vampiros também possuem uma força sobre-humana, sendo capazes de subjugar facilmente com suas presas e superar qualquer obstáculo físico com grande facilidade e o controle mental. Os vampiros também tem a capacidade de transformar pessoas

SOUZA, Thais Vilela de; FERNANDES, Fernanda Surubi. **A constituição do sujeito nos quadrinhos Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia.**

em vampiros, para isso é necessário sugar o sangue da vítima a deixando a beira da morte e depois a fazem beber de seu sangue contaminado pelo vampirismo, como ocorre em **Entrevista com o vampiro** (Rice, 1992). Como são imortais podem acabar com qualquer doença que a vítima possa ter, mas como consequência, e se sobreviver a transição, transforma-se em uma criatura sanguinária. Por fim, os vampiros são frequentemente retratados como imortais e temidos por sua natureza predatória.

Assim, compreendemos para este estudo, com base na Análise de Discurso, que “Olhar para os vampiros é um dos modos de se lançar a essa batalha no interior do discurso, que tem como designação compreender porque se fala, se pensa e se sente de determinada maneira [...]” (Milanez, 2011, p. 27-28). Ou seja, o modo de dizer o vampiro, no caso a vampira, significa pelas formas materiais que constituem os sujeitos e os sentidos. É na projeção da imagem, do traço, e das cores, que a narrativa sobre Cláudia a significa como sujeito-mulher, vampira, mãe e criança.

Discurso, corpo e sujeito

Segundo Orlandi (2007), para sabermos o que é discurso, para a disciplina Análise de Discurso, primeiro vamos entender o esquema elementar da comunicação, que é composto por emissor, receptor, código, referente e mensagem.

Nesse viés, o emissor transmite uma mensagem em código fazendo uma referência a algo da realidade, no caso o referente, para o receptor. Porém, para a Análise de Discurso não é só transmissão de informação, pois na realidade não existe a separação de receptor com emissor. Aquela ideia de que um fala e o outro decodifica, é feito ao mesmo tempo, ou seja, não é algo automático, mas que se dá no processo, na relação com o outro e não um depois o outro.

Ainda conforme Orlandi (2007), todo esse processo acontece na relação com o outro, ou seja, o discurso se constitui no entremeio e também nas relações históricas, sociais e ideológicas. É um “efeito de sentido entre interlocutores” (Orlandi, 2007, p. 21). O que compreendemos em dizer que se trata de: “Efeitos que resultam da relação de sujeitos simbólicos que participaram do discurso, dentro de circunstâncias dadas” (Orlandi, 2010, p. 15). Para a pesquisadora, esse efeito de sentidos não é algo já dado, é algo que vai ser construído

em um processo contínuo de constituição, levando em consideração o que está sendo dito, as pessoas que estão envolvidas, a posição que elas ocupam, as circunstâncias pelas quais está sendo dito, sendo atravessado por um processo histórico e social, e pelo momento imediato do dizer.

Para a Análise de Discurso, o sujeito se constitui pela linguagem enquanto posição-sujeito. A posição-sujeito é influenciada pelas ideias e crenças que governam uma sociedade. Essas ideias moldam como uma pessoa se vê como um sujeito, afetado pelas influências simbólicas presentes na história e na cultura. Em resumo, é a interpretação de si mesmo como sujeito que permite que alguém se torne um sujeito ativo em sua própria experiência.

De acordo com Orlandi (2010), são nessas condições que o sujeito pela Análise de Discurso não é empírico, é o sujeito que se constitui no momento da produção de sentidos, enquanto posição, posição entre outras. Para ser sujeito é necessário se submeter a língua significando e significando-se pelo simbólico na história.

Ao pensarmos que para o enunciado, texto, pintura e música ter sentido é necessário a interpretação, um não existe sem o outro, confirmamos assim, conforme os estudos do discurso, a existência da ideologia. De acordo com Orlandi (2007), ela faz com que o ser humano use sua capacidade imaginária com suas condições materiais de existência, ou seja, a ideologia produz evidências, e essas evidências dependem do indivíduo, de sua bagagem história, cultural e conhecimento de mundo, que vai ser diferente de indivíduo para outros, permitindo desse modo diferentes posições-sujeitos, ou seja, é assim que a ideologia constitui os sujeitos e os sentidos. “O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (Orlandi, 2007, p. 46). Os sujeitos estão vinculados a história e a língua num processo de constituição para esses sujeitos e na produção de sentidos. De acordo com Orlandi (2007, p. 47) “[...] não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia”.

Nessa direção, apresentamos a noção de corpo na relação com o discurso. De acordo com Levi Leonel de Souza (2010), só há sujeito em um corpo. Em sua pesquisa, ele discorre sobre a “discursivização da carne”, um processo no qual a carne passa a corpo. Para o autor, a gênese da carne vem muito antes da concepção de nascimento do indivíduo e estende-se pela vida e até depois do desaparecimento do corpo. Portanto, o pesquisador compreende que o corpo é a materialidade do sujeito. E que o corpo é a carne, que tem seu primeiro aparecimento

SOUZA, Thais Vilela de; FERNANDES, Fernanda Surubi. **A constituição do sujeito nos quadrinhos Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia.**

dentro do útero da mãe, em sua formação, de modo que o ambiente é um com o indivíduo, que depois será corpo/sujeito.

Assim Souza (2010) compreende que o corpo, de acordo com Freud, é a primeira forma de consciência que o sujeito um dia possuiu, tratando-a como “a superfície do aparelho psíquico”. Portanto, o autor defende que “O corpo é a materialidade do sujeito apropriada pelo Estado, remarcado pelas instâncias ideológicas e enformado por uma dialética política” (Souza, 2010, p. 1)” e que “Não se pode vislumbrar o sujeito e seu corpo-carne fora de uma formação social, que, por sua vez, se atrela ao urbano, como veria em Orlandi (2007)” (SOUZA, 2010, p. 3).

Em Orlandi (2016, p. 87), o corpo está atrelado ao modo como o sujeito significa, ou seja, “[...] os sujeitos textualizam seu corpo pela maneira mesma como nele são significados, e se deslocam na sociedade e na história: corpos segregados, corpos legítimos, corpos tatuados. Corpos integrados. Corpos fora de lugar”. Dessa forma, entendemos que o corpo e sujeito se constituem de diferentes maneiras, na sua diversidade e diferentes condições de produção.

Nessa perspectiva, o corpo do vampiro se constitui como um lugar material para compreender os sentidos sobre os sujeitos e o horror.

Horror e quadrinhos

A partir da **Filosofia do horror**, de Carroll (1999), tentamos compreender os sentidos de horror. Para o autor, o horror é basicamente um gênero que transpassa muitas formas de arte e de mídia, um horror associado ao horror artístico. Um gênero que surgiu e foi lentamente conquistando público e poderia ser encontrado em obras, em supermercados e farmácias. Foram lançados romances e filmes de horror, no entanto, segundo Carroll (1999), com o lançamento do filme **O exorcista**, de William Friedkin, (1973) é que o gênero horror deslanchou em sucesso, surgindo muito mais público interessado pelo gênero, não só em filmes, mas em outros tipos de artes de horror, como música, revistas, romances entre outros. Também influenciaram muitas outras obras que surgiram depois de grandes sucessos.

Esse tipo de horror que estamos discutindo, não é qualquer tipo de horror, e muito menos deve ser associado apenas à monstros, pois de acordo com Carroll (1999, p. 28) “[...] nem tudo o que aparece nas artes e poderia ser chamado de horror é horror artístico”. Para o

SOUZA, Thais Vilela de; FERNANDES, Fernanda Surubi. **A constituição do sujeito nos quadrinhos Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia.**

autor: “Esse tipo de horror é diferente do tipo que expressamos ao dizer ‘estou horrorizado com a perspectiva de um desastre ecológico’ ou ‘políticas do tudo ou nada na era nuclear são algo horrendo’ ou ‘o que os nazistas fizeram foi horrível’” (Carroll, 1999, p. 27).

Carroll (1999) propõe abordar o horror não como algo certo e delimitado, mas no decorrer de sua discussão, ele faz comparações para tentar chegar a um entendimento do que é horror, por meio de diferenciá-lo dos outros gêneros recorrendo a essas comparações, pois delimitar é complicado.

Um exemplo que Carroll (1999) apresenta é que monstros não são específicos do gênero horror, pois podem ser encontrados em outros gêneros. Carroll então propõe distinguirmos o que faz parte do horror a partir das emoções dos personagens em relação a aparição de monstros. “Um indicador do que diferencia as obras de horror propriamente ditas das histórias de monstros em geral são as respostas afetivas dos personagens humanos positivos das histórias aos monstros que os assediam” (Carroll, 1999, p. 32).

Tais emoções são, conforme o autor, pânico, repulsa, paralisia, pavor agonia, repugnância, contato, arrepio, sensação de náusea, encolhimento de forma a evitar o contato com o monstro impuro e repugnante, diante do perigo, também podendo surgir também uma extrema vontade de gritar, para tentar salvar sua vida. Como também produz atração pelo desconhecido.

Na mesma direção, Milanez (2011) também compreende o horror em diversas produções ligadas pela “capacidade de horrorizar”, pois: “Os sujeitos de hoje estruturam, a partir do horrífico, uma mutação de olhares para o mundo, tomando técnicas, regras e funcionamentos que estão estritamente ligadas ao corpo no seu plano biológico [...]” (Milanez, 2011, p. 31). Essa capacidade também se apresenta em histórias em quadrinhos (HQs).

As HQs, que surgiram dentro de empresas jornalísticas, eram usadas como forma de comunicação, pois atingia uma grande quantidade de público. Bibe-Luyten (1987, p. 7) defende que “O que importa, porém é de onde vêm essas histórias e quem as escreve, pois elas são excelente veículo de mensagens ideológicas e de crítica social, explícita ou implicitamente”.

Segundo a pesquisadora, as HQs possuem raízes populares, tem um grande poder de comunicação, contém dois códigos de signo a imagem e a linguagem escrita. Ademais, para seu complemento possui onomatopeias para reprodução de sons e ruídos. Sua característica principal é o balão, sendo o balão-fala responsável em indicar as falas coloquiais dos

SOUZA, Thais Vilela de; FERNANDES, Fernanda Surubi. **A constituição do sujeito nos quadrinhos Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia.**

personagens, entre outros tipos como balão-pensamento, balão-uníssonos que é um balão para a fala de várias pessoas juntas, balão-transmissão que é usado em ocasiões que necessitam reproduzir sons de eletrônico ou eletrodoméstico, dentre tantos outros que dependem da situação que quer causar em cada quadrinho.

De acordo com Bibe-Luyten (1987, p. 19): “Com o aparecimento do balão, os personagens passaram a falar [...], libertando-se, ao mesmo tempo, da figura do narrador e do texto de rodapé que acompanha cada imagem”, misturando literatura e desenho uma mistura que uma nova forma de manifestação cultural, através de meios artísticos que se interligam.

Bibe-Luyten (1987) informa que a primeira HQ que foi lançada com balões de fala, dando voz aos personagens foi **Yellow Kid** (Moleque Amarelo) de Richard F. Outcault. Porém, Outcault não criou as histórias em quadrinhos, elas já existiam antes. Ele tem por mérito ser o primeiro a introduzir o balão, nas histórias em quadrinhos, que é o marco forte desse gênero.

Essas histórias tem suas origens de muito tempo atrás, conforme a pesquisadora, ou seja, na pré-história, com o início da civilização, desde essa época já faziam inscrições rupestres nas cavernas, com desenhos sucessivos para narrar um acontecimento. Existiram outras manifestações que se aproximaram do gênero HQ durante a civilização, como mosaicos, tapeçarias, afrescos entre outros, no intuito de mostrar uma história com a sequência de imagens.

Assim, as HQs sempre buscaram comunicar algo que às vezes transgredia o senso comum, sendo por isso, durante a Segunda Guerra Mundial, proibidas. Porém com o fim da Guerra, surgiram muitas revistas de terror, “[...] mas a censura foi um dos fatores que terminou com o terror no Brasil, pois, a partir de 1972, passou a exigir a leitura prévia das revistas. Isso porque, com a proliferação de muitas revistas pornográficas, o sexo atingiu o terror” (Bibe-Luyten, 1987, p. 77) e a partir desses acontecimentos tanto da censura, quanto da Guerra, as pessoas começaram a ter preconceito com HQ, mas alguns escritores continuaram lutando, produzindo ótimas histórias que vieram a fazer sucesso, como a **Mônica** ou **O cãozinho Bidu** de Maurício de Souza, sendo o último sua primeira criação.

A história de Cláudia: a constituição do sujeito criança, vampira, mulher

Anne Rice e Ashley Marie Witter tem construído significativamente para suas respectivas áreas, criando obras que cativam o público com suas narrativas envolventes e estilos distintos. Suas obras continuam a encantar e inspirar leitores e fãs em todo o mundo.

Anne Rice é uma autora americana renomada, conhecida por suas obras de ficção góticas e fantasia sombria. Ela nasceu em Nova Orleans dia 4 de outubro de 1941. Começou sua carreira escrevendo romances eróticos com o pseudônimo de A. N. Roquelaure no início dos anos 1970. Mas foi com a publicação do livro **Entrevista com Vampiro**, em 1976, que teve grande reconhecimento do público e da crítica. Introduzindo nesse romance, seus personagens icônicos, como o vampiro Lestat de Lioncourt. Entre outras obras notáveis que Rice criou ao longo de sua carreira, como a **Serie Crônicas Vampirescas**, que inclui **O Vampiro Lestat** e **A Rainha dos Condenados**, ente outros. Também explorou outras temáticas, como bruxaria e a história de Jesus Cristo em seus romances **As Bruxas de Mayfair** e **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**.

Já a Ashley Marie Witter é uma quadrinista americana, nasceu em 10 de dezembro de 1986. Ela é conhecida por seu trabalho em quadrinhos e ilustrações de temática gótica e de horror, fazendo logo depois a adaptação do livro **Entrevista com vampiro** para histórias em quadrinhos. Witter possui um estilo de desenho detalhado e atmosférico, captura perfeitamente a ambição sombria da história proporcionando aos leitores uma experiência visual marcante, com uma mistura elementos realistas e fantásticos, com toque de sensualidade e misticismo.

Diante da vida e obra das autoras, observamos como a narrativa quadrinística constitui a história. O quadrinho mostra a visão de Cláudia, que tem perto de si o vampiro Lestat que a transforma dando-lhe de seu sangue para a garota saciar a fome.



Figura 1:

Fonte: (Rice, Witter, 2014, p. 8)

A narrativa se inicia, então, no acordar de Cláudia no entremeio da vida e a morte, transformando-se em vampira. Depois disso, é apresentada por Lestat e Louis ao mundo dos vampiros, pois eles a treinam como beber sangue e matar, além de viver em meio aos humanos. A relação entre eles é de uma família, em que Louis e Lestat atuam como pais, cada um a sua maneira, pois enquanto Lestat é mais assassino, sem moral sobre matar para se alimentar, Louis possui restrições, com um peso na consciência entre se alimentar e ter que matar. É nesse meio que Cláudia surge, como uma filha para os dois.

Com o passar do tempo, apesar de Lestat e Cláudia serem mais parecidos, é Louis de quem Cláudia mais gosta, e isso vai desenvolver outro momento na história dos três. Esse momento ocorre quando Cláudia percebe que apesar de se passar décadas, seu corpo não muda, mas sua mentalidade sim, a personagem tem o desejo em ser mulher a partir de seu corpo, é quando então questiona quem a criou assim, num corpo que sempre será infantil.

Ao saber sobre a história de que Louis quase a matou ao beber seu sangue, e que Lestat a “salvou” transformando-a em vampira, uma raiva imensa a constitui. Com o tempo, isso leva Cláudia a planejar a morte de Lestat.



Figura 2:

Fonte: (Rice, Witter, 2014, p. 108)

Depois de matar Lestat, Cláudia e Louis vão embora, buscando encontrar outros vampiros, suas viagens logo os levam à Paris, onde encontram o Teatro de Vampiros. Cláudia logo percebe que está com problemas, pois os vampiros querem lhe matar por matar alguém da mesma espécie, enquanto Louis parece ser aceito por aquele meio. Assim decidi ir embora sem Louis, mas antes pede-lhe que transforme uma mulher, no caso, a dona de uma loja de bonecas chamada Madeleine, em vampira, para ser sua companhia. Louis resiste no começo, depois cede e realiza seu desejo. Entretanto, eles são capturados. Cláudia e a nova vampira são destruídas pelo sol, enquanto Louis lamenta a sua morte.

Cláudia é uma personagem central e possui uma inteligência e maturidade muito além de sua idade física, pois apesar de parecer uma criança, Cláudia é inteligente e madura. Sua complexidade como personagem e dualidade entre sua aparência e sua verdadeira natureza a tornam uma figura fascinante dentro do universo vampiresco criado por Anne Rice.

Cláudia é uma personagem marcante no livro **Entrevista com vampiro** de Anne Rice (1992), sendo sua história recontada em quadrinhos. Sua história traz uma mistura de tragédia, complexidade e conflitos, tornando-a uma figura memorável na literatura de vampiro, o que é reafirmado com a sua história produzida em quadrinhos.

Depois de apresentarmos a obra no todo, selecionamos alguns recortes de análise. Para Orlandi (1984, p. 14): “O recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva”, ou seja, faz parte de um todo, mas que significa um olhar

SOUZA, Thais Vilela de; FERNANDES, Fernanda Surubi. **A constituição do sujeito nos quadrinhos Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia.**

sobre o material na relação com a história, constituindo assim sua “forma material”, ou seja, “[...] a forma encarnada na história para produzir sentidos” (Orlandi, 2007, p. 19).

Nosso objetivo é analisar a constituição da personagem Cláudia, para isso tomamos os conceitos de discurso e corpo. Enquanto discurso, a materialidade do quadrinho produz efeitos sobre a personagem, criança, vampira, mulher, ou seja, são várias posições sujeitos que assume diante dessas condições de produção que a envolvem, assim o conceito de sujeito também se configura como central na análise. Para visualizar isso, recortamos sua transformação.



Figura 3:
Fonte: (Rice, Witter, 2014, p. 9)

Na imagem, podemos ver a transição do sujeito-criança para o sujeito-vampiro, sendo esse um tema central da obra, a pobre e inocente menina forçada a abandonar sua forma humana. A transição de Cláudia é retratada de forma intensa e impactante. Louis é um vampiro que ainda contém um pouco de humildade e que é contra sua transformação, já Lestat era perverso, gostava de ter Louis sob seu controle.

Os detalhes da ilustração revelam expressões dolorosas e angustiantes, intensificando a sensação de horror, transmitindo a tortura que Lestat faz com Louis ao simplesmente transformar aquela criancinha em uma vampira, trazendo-a para um novo mundo,

SOUZA, Thais Vilela de; FERNANDES, Fernanda Surubi. **A constituição do sujeito nos quadinhos Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia.**

um universo tenebroso e ensanguentado, repleto de morte e desespero. Uma realidade perversa, tingida com o vermelho escuro da crueldade.

Observamos como a noção de horror e discurso se entrelaçam, pois enquanto efeito de sentido, o discurso significa na relação com o outro, e o horror também é efeito, efeito de medo, de repulsa. Ou seja, ao apresentar uma personagem como Cláudia, o narrador coloca o leitor na relação com esse outro, que foge do padrão estabelecido, pois ver uma criança bebendo sangue e gostando projeta um medo do que pode aquele ser se tornar, ao contrário do imaginário da criança inocente.

Esse horror é marcado pelas cores destacam a aparência pálida e sinistra da personagem Cláudia, assim como a dos outros dois vampiros. O amarelo pálido com sombreamento de preto, dão destaque ao uso da cor vermelha do sangue. E esse jogo de cores intensificam a atmosfera sombria e sanguinária da história, e projeta no corpo, na língua de Cláudia sua mudança e desejo, produzindo efeitos. Essa imagem se repete no recorte a seguir.



Figura 4:
Fonte: (Rice, Witter, 2014, p. 33)

Cláudia inicialmente parece uma menina delicada, inocente e elegante. No entanto, seus olhos e expressões revelam uma complexidade profunda e um olhar maduro e envelhecido, mostrando a tensão interna entre sua beleza infantil e sua natureza demoníaca e sedenta por

SOUZA, Thais Vilela de; FERNANDES, Fernanda Surubi. **A constituição do sujeito nos quadrinhos Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia.**

sangue. Mas que por dentro é uma mulher que parece uma boneca em um corpo eternamente infantil, sempre cuidadosamente arrumada.

As escolhas de cores e visuais nos quadrinhos contribuem para garantir a essência do vampirismo e explorar a dualidade entre inocência e maldade presentes na personagem. Realçando e destacando a satisfação de Cláudia ao lambe seus lábios sujos de sangue, adicionando um elemento surpreendente e perturbador na narrativa. Nesse caso, observamos como o a imagem produz efeitos, pois ressalta o que é tomado como proibido: traços de erotismo em uma criança. Assim, o que o quadrinho materializa na personagem Cláudia, é que ao deixar de ser humana, ela perde a sua infantilidade, mesmo habitando esse corpo físico infantil.

Outro recorte diz do momento em que Cláudia e Louis estão em Paris, em que há a liberdade, assim, logo fez questão de delimitar a prisão que sofria naquele corpo. Ela se transformou, aspirava a ser mulher, mas era apenas uma versão distorcida do que deveria ser.



Figura 5:

Fonte: (Rice, Witter, 2014, p. 159)

Cláudia, apesar de sua de sua aparência, nutre um intenso desejo de se tornar mulher e experimentar a maturidade por inteiro em sua totalidade, física e emocional que lhe foi arrancada. Seu anseio por um corpo adulto traduz-se em uma busca constante por respostas sobre sua própria existência e sobre as limitações impostas pelo vampirismo. Desse modo, a

SOUZA, Thais Vilela de; FERNANDES, Fernanda Surubi. **A constituição do sujeito nos quadinhos Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia.**

sujeito-personagem Cláudia adulta não se identifica com seu corpo de criança, as posições-sujeitos mulher e vampira não dão conta da limitação de um corpo que projeta um sujeito eternamente criança.

Em outro recorte, Cláudia se depara com uma loja de bonecas, juntamente com a dona da loja que as produzia. Ela acha uma boneca muito parecida consigo, e pede a mulher uma boneca que fosse uma versão dela em forma adulta.



Figura 6:

Fonte: (Rice, Witter, 2014, p. 161)

Esta imagem retrata Cláudia em uma busca de realização pessoal, por uma completude, por um corpo que projete seu desejo. Para Milanez (2011), o corpo do monstro, no caso, da vampira, projeta uma monstruosidade, corpo e mente não se comungam. De acordo com o autor: “A monstruosidade é um tipo de silhueta que entrelaça o grotesco ao sujeito, em um jogo no qual a imagem corporal acaba sendo o lugar de observação e materialidades de desejos e formas de saber” (Milanez, 2011, p. 81). Assim, Cláudia almeja ser tratada como uma igual, ser levada a sério e ser considerada uma mulher adulta, até porque haviam se passado vários anos, ela já tinha amadurecido, independentemente de sua aparência física, mas se encontra num impasse que, pelo poder do vampiro enquanto ser imortal, não pode ser resolvido.

Para tentar encontrar uma solução para seu desejo, Cláudia busca formas alternativas de vivenciar sua feminilidade. Uma dessas formas é a criação de uma figura sua em forma de boneca adulta, na qual ela projeta suas aspirações e anseios de se tornar uma

SOUZA, Thais Vilela de; FERNANDES, Fernanda Surubi. **A constituição do sujeito nos quadinhos**
Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia.

mulher completa, representando a realização de seus desejos e um escape da realidade que a limita.

É possível dizer que o processo de transformação de Cláudia em vampiro desencadeou uma busca por um processo de ressignificação do seu corpo infantil. Pois, o seu corpo é lugar onde ela não se encontra e, por essa razão, passa a empreender práticas sobre si, à procura dessa transformação em sujeito-mulher. Desse modo, seu corpo e o seu “eu” parece estar sempre em embate. Ou seja, é um corpo em contradição, é um corpo que não lhe cabe, não resolve, não permite que viva sua identidade, pois se constitui sempre numa falta.

Para finalizar nossos recortes de análise, apresentamos Cláudia e Madeleine, já transformada em vampira, em seus momentos finais. Madeleine recém transforma em vampira, atua como uma filha para Cláudia. Em contrapartida, Cláudia age como mãe, confortando Madeleine, mesmo sabendo o viria a acontecer.



Figura 7:

Fonte: (Rice, Witter, 2014, p. 2010)

Observamos, então, que Cláudia assume outra posição-sujeito, a de mãe. Em um corpo infantil e de vampira, que impossibilitam essa realização, não apenas de gestação, gravidez, mas nas forças para transformar alguém em vampira, pois para transformar Madeleine, Cláudia pediu a Louis, ou seja, mesmo vampira, não conseguia esse intento, Cláudia ainda assim pode assumir a posição-sujeito mãe, o que a projeta também na condição de sujeito-mulher pela maternidade, não física, mas emocional, social, afetiva. Isso visualiza como as posições-sujeitos se constituem na produção dos sentidos. Na impossibilidade em se ter um

SOUZA, Thais Vilela de; FERNANDES, Fernanda Surubi. **A constituição do sujeito nos quadrinhos Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia.**

corpo adulto, de mulher, Cláudia enquanto sujeito assume várias posições que a significam, mesmo tendo em um corpo infantil, ela não é infantil, atua e se significa enquanto sujeito-vampira, mulher, mãe.

Considerações finais

A sujeito-personagem Cláudia é fundamental para compreender corpo e discurso na obra, portanto seu corpo é um dispositivo de significação, projetando sentidos e estabelecendo diferentes posições-sujeitos. Também é território onde são inscritas suas experiências e vivências, sendo ao mesmo tempo moldado e moldador de sua subjetividade. Assim, a partir das noções de corpo e discurso, pudemos dizer que a personagem Cláudia projeta sentidos sobre si a partir de seu corpo, produzindo diferentes posições-sujeitos, criança, vampira, mulher, assassina, mãe.

Assim, seu corpo é espaço de confronto e negociação entre diferentes discursos e posições-sujeitos. Pode ser alvo de disputas de poder e elemento de resistência e subversão, desafiando normas e expectativas sociais. Cláudia usa seu corpo como ferramenta de manipulação e expressão, projetando sentidos e estabelecendo diferentes identidades na narrativa. Sua relação com o corpo revela a complexidade das interações entre corpo e discurso, potencializando múltiplas possibilidades de ser e existir.

REFERÊNCIAS

BIBE-LUYTEN, Sonia M. **O que é histórias em quadrinhos.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARROLL, Noël. **Filosofia do horror:** ou os paradoxos do coração. Campinas: Papirus, 1999.

MEYER, Stephenie. **Crepúsculo.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

MILANEZ, Nilton. **Discurso e imagem em movimento:** o corpo horrífico do vampiro no trailer. São Carlos: Claraluz, 2011.

ORLANDI, Eni P. Segmentar ou recortar? **Linguística:** questões e controvérsias. Minas Gerais: Série Estudos. 1984.

SOUZA, Thais Vilela de; FERNANDES, Fernanda Surubi. **A constituição do sujeito nos quadinhos Entrevista com o vampiro – a história de Cláudia.**

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni P. Análise de discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy; ORLANDI, Eni P. **Discurso e textualidade: Introdução às Ciências da Linguagem.** 2. ed. Campinas: Pontes, 2010. p. 11-32.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia.** 2. ed. Campinas: Pontes, 2016.

RICE, Anne. **Entrevista com vampiro: a história de Cláudia.** In: headline. Arte e adaptação Ashley Marie Witter. 2014.

RICE, Anne. **Entrevista com o vampiro: as crônicas vampirescas.** v. 1. Trad. Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

SOUZA, Levi Leonel de. O corpo encarnado: ou a passagem da carne ao corpodiscurso. **Entremeios: revista de estudos do discurso.** v.1, n.1, jul/2010.

STOKER, Bram. **Drácula.** Trad. Márcia Heloisa. Ilustrações Samuel Casal. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.

Recebido em 15/12/2023

Aprovado em 01/02/2024